
RECENSÕES

Charlot, Bernard (2009). *A relação com o saber nos meios populares: Uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio*. Porto: CIEE/Livpsic.

A Relação Com o Saber Nos Meios Populares é uma obra de extraordinária relevância para a compreensão das problemáticas actuais associadas à escolarização, de um modo geral, e às suas implicações na vida dos jovens de origem popular, de modo particular; o seu conteúdo remete-nos para a problematização e conceptualização em torno da relação com o saber que Bernard Charlot tem desenvolvido nos seus estudos, nas últimas décadas. A relação com o saber constitui uma abordagem fundamental na compreensão dos factores associados ao insucesso escolar, que penaliza dramaticamente os filhos das famílias de categorias sociais populares, que na designação de Charlot (1997: 11) são

aquelas famílias que ocupam uma posição dominada na sociedade vivem em situações de pobreza ou precariedade, produzem uma configuração teórica e prática do mundo que traduz ao mesmo tempo sua posição dominada e os meios implementados para viver ou sobreviver nessa posição e, às vezes, transformar as relações de força.

Paul Ricoeur (1986) elucida-nos sobre o facto da escrita possibilitar que a significação se liberte das condições iniciais de produção e que o sentido se reinscreva em diferentes contextos, originando diferentes

interpretações. Nessa perspectiva, esta obra constitui um dispositivo de reconfiguração cognitiva e praxeológica sobre a relação com o saber dos jovens em situação de insucesso escolar, com possíveis e diversas implicações na interpretação de diferentes contextos socioescolares.

Apresenta-se um estudo que procurou conhecer a relação com o saber dos jovens de origem popular quando confrontados com o insucesso escolar. A pesquisa realizou-se num liceu profissional dos subúrbios de Paris, na década de 1990, e fundamentou-se na recolha de mais de 500 balanços de saber e cerca de 200 entrevistas semi-orientadas aprofundadas. Nas palavras do autor, "subúrbio" é um território popular cujos habitantes são confrontados com múltiplas dificuldades económicas e sociais (Charlot, 2009: 11). As razões que motivaram a escolha do liceu profissional como contexto empírico da investigação referem-se ao facto de este escolarizar em cada geração, alunos de origem popular que se deparam com dificuldades na escola (ibidem).

O estudo integrou-se num programa mais amplo desenvolvido pela equipa de investigação *Éducation, socialisation et collectivités* (ESCOL), uma equipa de acolhimento doutoral do Departamento de Ciências da

Educação da Universidade Paris 8-Saint-Denis. A compreensão desta obra remete-nos para uma outra de referência, intitulada *Da Relação Com o Saber: Elementos Para uma Teoria* (Charlot, 1997), que constitui um marco indelével na abordagem às problemáticas da aprendizagem, da socialização e da subjectivação escolares. A presente obra completa-lhe o sentido, criando novas significações. Em *A Relação Com o Saber Nos Meios Populares* privilegia-se a palavra dos jovens do liceu profissional que experienciam ou já experienciaram situações de insucesso escolar, relevando-se o seu estatuto epistemológico e esclarecedor dos fenómenos de escolarização e de socialização destes jovens. Nos termos do autor, «é-lhes dada a palavra. Para que esta nos ajude a passar do nosso mundo para o deles» (Charlot, 2009: 9). Trata-se de um estudo com uma componente empírica de grande amplitude e densidade científicas que estabelece relações com outros estudos, desenvolvidos pela mesma equipa de investigação, que constituem uma hermenêutica singular e pertinente na construção das problemáticas socioescolares.

A focalização do estudo em narrativas dos jovens traduz as opções éticas e epistemológicas do seu autor, no sentido em que as narrativas elucidam a relação dos jovens com o mundo objectivo, o mundo subjectivo e o mundo social e escolar, reconhecendo-se simultaneamente o seu impacto na sua relação com o saber escolar e com a escolarização de um modo geral, e na construção das suas identidades.

Nos primeiros sete capítulos, o autor analisa, sobretudo, os processos de construção, de organização e de categorização do mundo realizados pelos alunos do liceu profissional e, nos restantes, focaliza o aluno enquanto sujeito singular, procurando compreender a sua interpretação da vida, na temporalidade passada, presente e futura, isto é, compreender o sujeito «enquanto unidade psíquica singular, original, reflexiva, um ser de desejo que mantém relações com os outros, envolvido no tempo, agindo no mundo e sobre o mundo» (*ibidem*: 123).

Na apresentação da investigação, Bernard Charlot problematiza as concepções que têm sido mobilizadas

na explicação do insucesso escolar, designadamente as que se fundamentam nas «sociologias da reprodução» e que encontram nos conceitos de *habitus* e de capital cultural, desenvolvidos por Pierre Bourdieu, um factor explicativo para a correlação estatística (social histórica e persistente) entre os resultados escolares das crianças e a categoria socioprofissional dos pais. Para o autor, pese embora o inegável contributo desses conceitos para a reflexão social e ética em torno da escolarização, eles não são suficientes para se interpretar a complexidade do insucesso escolar: «não se herda» insucesso escolar que supõe um trabalho intenso de valorização desse capital» (*ibidem*: 14). Nesse sentido, a compreensão da relação com o saber e com a escola das crianças e jovens de meios populares evidencia-se como um contributo fundamental para o esclarecimento dos factores justificativos do insucesso escolar e das possibilidades da sua superação.

Os balanços de saber permitiram conhecer o que os jovens dizem ter aprendido, isto é, o que para eles tem importância, sentido e valor para ser evocado no seu relato. O escrutínio destes balanços de saber incidiu em toda a informação que permitisse dar inteligibilidade sobre a forma como se organiza o campo da aprendizagem desses jovens, e que pudesse induzir a construção de um ideal-tipo do aluno de liceu profissional e do jovem de meio popular em situação escolar frágil. As entrevistas procuraram elucidar os processos através dos quais a história escolar desses jovens se constrói de forma particular.

Ao explicitar o que dizem eles ter aprendido, procura-se dar a conhecer o universo da aprendizagem nos jovens escolarizados no liceu profissional e também o que para eles significa *aprender e saber*; a relação com os outros domina este universo que se focaliza na intencionalidade de «aprender a ser alguém». Nesta intencionalidade, o trabalho de apropriação dos saberes escolares ou de saberes profissionais parece não ter lugar. A importância dos saberes escolares reduz-se às actividades escolares básicas (ler, escrever e contar), não se encontrando na aprendizagem dos restantes saberes escolares pertinência para se «ser alguém». A

família salienta-se como o primeiro lugar de aprendizagem, sendo o seu mundo distinto do mundo escolar e originando diferentes tipos de aprendizagens: na família realça-se o domínio afectivo e relacional e na escola realçam-se os domínios intelectual e profissional. No que se refere à relação com o saber, o mundo da escola produz, essencialmente, aprendizagens sem sentido e desprovidas de emoção; o lugar das emoções é a família e o bairro. Não estranha por isso que se nomeiem como agentes de aprendizagem os familiares e os amigos e que os professores sejam referidos numa forma genérica e impessoal.

Para a maioria dos jovens que participaram no estudo, o mais importante é «ir à escola, estudar e obter os diplomas para mais tarde ter um trabalho, um emprego, uma «boa profissão»» (*ibidem*: 52), excluindo-se o saber dessa trilogia. Os discursos dos jovens, a este propósito, revelam-se paradoxais, uma vez que não evocam conteúdos de saberes nem de actividades profissionais, mas salientam a importância dos estudos, dos diplomas e do trabalho-emprego. O diploma permite o acesso à «vida activa» e a sua ausência «não permite viver». Contrariamente a um discurso hegemónico que tende a justificar o insucesso escolar dos jovens de meios populares com a ausência de projecto de vida, a pesquisa revela que, para eles, aspirar a ter «uma vida normal» (ter trabalho, um apartamento, um carro, filhos, férias...) constitui o verdadeiro projecto; estes jovens não planificam «o projecto da sua vida», eles fazem «bricolage» ao longo da sua existência, procurando conciliar o desejo imediato de experienciar a juventude com a necessidade de obter uma passagem para acesso a uma «vida normal».

Nos últimos capítulos da obra, focaliza-se o aluno enquanto sujeito singular. Procura-se compreender os processos de escolarização e de vida que conduzem um jovem para o liceu profissional, como se constrói a condição de aluno de liceu profissional e as diferentes figuras que lhe dão forma, e as tensões vividas na história dos sujeitos entre os processos de dominação e de desejo. Procura-se, ainda, compreender o lugar social e a importância dos pais e da família na construção das

subjectividades juvenis e as relações com o saber e com a escola que se constroem a partir da «sala de aula».

A entrada no liceu profissional é vivida pela maioria dos jovens como uma violência e uma ofensa, mas também como o desfecho previsível de uma história escolar marcada pelo insucesso. A história de vida dos alunos do liceu profissional denuncia o sofrimento que resulta de processos de dominação simbólica e de desvalorização identitária que encontram na trajectória escolar a sua máxima expressão. Mas o desejo de si é inalienável da construção do sujeito e por isso esse desejo é constitutivo das tensões vividas na construção da sua identidade. A análise das entrevistas revela que os principais marcadores identitários da relação com o saber coincidem com as causas identitárias da dominação: a pertença ao bairro, a origem emigrante e o sexo.

A relação com os adultos emerge como uma possibilidade de mobilização para a escola e na escola. Os adultos que fazem a diferença são sobretudo os pais e alguns professores. A profissão dos pais é uma referência (positiva ou negativa) na construção de si, mas sobretudo enquanto modo e nível de vida. Estes jovens aspiram a não ter a mesma vida que os pais e a constituírem um motivo de orgulho para eles: o desafio do sucesso escolar é também um factor de valorização perante os pais.

A sala de aula constitui o lugar social que na escola mais determina a construção das relações com o saber, e, por isso, compreender as diferentes narrativas dos jovens sobre as experiências que aí vivenciam possibilita conhecer alguns dos factores que contribuem para essa construção e identificar especificidades epistémicas dessa relação. A análise desenvolvida no último capítulo visa explicitar parte desse conhecimento. Importa realçar dessa análise que «Quando uma coisa é interessante, quando é objecto de desejo, quando o aluno gosta (três fórmulas diferentes que remetem para a mesma relação), o aluno mobiliza-se, investe e «percebe facilmente»» (*ibidem*: 256). Mas a relação entre o desejo e a aprendizagem não é linear, nem pode ser compreendida em termos de causa e

efeito. O interesse nem sempre é condição imprescindível para a relação pedagógica, podendo antes ser sua consequência. Para estes jovens, o que é susceptível de captar o seu interesse é tudo aquilo que permite compreender melhor a vida (a sua vida), o outro (na sua alteridade e semelhança) e ele próprio, permitindo-lhe projectar-se no futuro, a partir do conhecimento de um novo mundo de possibilidades.

Em síntese, esta obra constitui um legado empírico de importância ímpar para a compreensão das problemáticas implicadas no insucesso escolar e da relação com o saber dos jovens de meios populares, permitindo uma interpretação reabilitadora das possibilidades de construção de mundos de significado e de aprendizagem para esses jovens, a partir da escola. Não se ignoram os contributos de outras investigações que revelam uma dissonância epistémica e cognitiva entre os mundos das culturas populares e o mundo escolar, que se traduz em formas de conceptualização e de discurso desajustadas às exigências da aprendizagem na

escola. Mas importa salientar que, apesar disso, como refere Bernard Charlot, estes jovens, para sobreviver num mundo de dominação, realizaram muitas aprendizagens e construíram processos complexos de relação com o saber, mesmo que não tenham a consciência reflexiva de o terem feito. A escola não pode ignorar essa realidade.

Fátima Pereira

CIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas,
FPCEUP

Referências bibliográficas

- Charlot, Bernard (1997). *Da relação com o saber: Elementos para uma teoria*. São Paulo: ARTMED.
- Ricoeur, Paul (1986). *Du texte à l'action: Essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil.